

PRÁTICAS DOCENTES: CONTEÚDOS DO ENSINO DE MÚSICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Vanessa Weber de Castro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/Colégio Pedro II

Mestrado em Música e Educação

SIMPOM: Subárea de Educação Musical

Resumo: Na rede estadual de ensino público do Rio de Janeiro (RJ), a disciplina Artes é oferecida do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental (EF) e no 2º ano do Ensino Médio (EM). O planejamento do trabalho a ser realizado em tal disciplina é organizado pelo professor de acordo com sua formação acadêmica, podendo ser abordados artes visuais, música, teatro e dança. Nesse contexto, o presente artigo apresenta um recorte da dissertação de Mestrado sobre a Música nas escolas públicas estaduais da região Metropolitana do RJ, cujo objetivo principal foi analisar a situação do ensino específico de música a partir do discurso de dez professores atuantes no EF, localizados através do contato direto com escolas através de *e-mail* e telefone em 2009, e que responderam um questionário com perguntas abertas, semiabertas e fechadas sobre questões relacionadas à sua prática na rede estadual. Neste recorte, apresentamos a análise feita dos conteúdos e temas abordados pelos professores em suas aulas, abordada em uma das questões do questionário, buscando perceber a relação com os documentos legais e o contexto social dos alunos e comunidade escolar, e o que motiva a escolha dos assuntos. O referencial teórico se apoia em Pierre Bourdieu (2010) e sua teoria do desenvolvimento do capital cultural e influências na educação, e nas obras de Penna (2008) e Fonterrada (2008) como revisão bibliográfica específica da área de educação musical. A pesquisa apontou que os professores possuem uma certa liberdade na escolha dos conteúdos e temas e que há diversos pontos em comum no relato dos diferentes professores. No entanto, as diferenças de capital cultural presentes na escola, apontadas por Bourdieu (2010) como presentes na sociedade, interferem na escolha do conteúdo, das atividades a serem realizadas e no próprio relacionamento dos alunos com a aula de Música.

Palavras-chave: Prática docente; Ensino de Música; Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro; Capital Cultural.

Teaching Practice: Contents of the Music Teaching in the Public State Schools from the metropolitan region of Rio de Janeiro

Abstract: In Rio de Janeiro State Schools, Arts as a subject is offered from the 6th to the 9th year of *Ensino Fundamental* and in the 2nd year of *Ensino Médio*. The plan of work of this subject is organized by the teacher, according to his/her academic background. Topics related to visual arts, music, drama and dance can be included. Taking this context into consideration, this present article presents part of the Master's dissertation on music in public state schools from the Metropolitan Region of RJ, whose main objective was to analyze the situation of the specific teaching of music from the speech of ten teachers working in EF. These teachers were located through direct contact with schools through *e-mail* and telephone in 2009, and they answered a questionnaire with open, semi open and closed questions about issues related to their practice in the public state schools. This part presents the analysis of the contents and topics covered by the teachers in their classrooms, one of the issues addressed in the questionnaire, trying to observe the relation among the legal documents and the social background of the students and the school community and what motivates the choice of subjects. The theoretical framework draws on Pierre Bourdieu (2010) and the development of

the cultural capital theory and its influence on education, and works of Penna (2008) and Fonterrada (2008) as a literature review of the specific area of music education. The survey showed that teachers have a certain freedom in the choice of contents and themes, and there are many similarities in the reports of the various teachers. On the other hand, differences in cultural capital in the school, pointed out by Bourdieu (2010) as present in society, influence the choice of content, the activities to be carried out and the students' own relationship with the music class.

Keywords: Teaching Practice; Teaching of Music; Rio de Janeiro Educational System; Cultural Capital.

Introdução

A presente comunicação apresenta um recorte da dissertação de Mestrado defendida em junho de 2011 no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sobre a Música nas escolas públicas estaduais da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O objetivo principal foi analisar a situação do ensino de música inserida no contexto da disciplina Artes e sua relação com o contexto social das escolas estaduais da região delimitada, a partir do depoimento de dez professores¹ de música atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental (EF) da rede, localizados através de pesquisa realizada em 2009 junto às escolas e às Coordenadorias Regionais da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC)².

Apesar de os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (PCNs–Artes) preverem o ensino de modalidades artísticas de forma diferenciada, a rede estadual ainda oferece a disciplina Artes sem distinção, ficando a cargo do professor a decisão do trabalho a realizar. Portanto, se o professor possui habilitação em Teatro, o conteúdo será voltado para as artes cênicas; se for habilitado em Música, abordará a música, e assim por diante.

Dentre as diversas questões respondidas pelos professores em um questionário autoadministrado com perguntas fechadas, semiabertas e abertas, organizado para obtenção de informações acerca de sua formação, da percepção que eles tem de como alunos e

¹ A média de idade dos dez professores entrevistados no final de 2009 e início de 2010 foi de 36 anos. A divisão de gênero foi igualitária, sendo cinco professores e cinco professoras. Em relação ao tempo de serviço na rede estadual, a média foi de quatro anos e seis meses, no entanto há professores com 15 e 9 anos de trabalho, outros atuando há somente sete meses e um ano e nove meses. Dos dez professores participantes, oito trabalham em outras escolas para complementar a renda. Quanto à formação, seis são graduados pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), dois são formados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM) e pela Faculdade Bennet e uma pela extinta Licenciatura em Música do Centro Universitário Augusto Motta (SUAM/Bonsuesso, atual UNISUAM). Dos dez professores somente dois possuíam alguma pós-graduação e um professor estava cursando o Mestrado.

² A metodologia para a obtenção dos dados contou com uma pesquisa no site da SEEDUC no início de 2009, onde foram selecionadas 511 escolas que ofereciam o segundo segmento do EF somente na região Metropolitana do estado. Destas, somente 135 responderam ao contato via *e-mail* ou telefone. Deste contato inicial foram localizados quatorze professores de música, no entanto, na segunda etapa da pesquisa, diretamente com os docentes, somente dez professores foram localizados e responderam o questionário.

comunidade escolar recebem e se relacionam com a aula de música, material didático utilizado, atividades desenvolvidas e expectativas para o futuro, algumas se referiam à sua prática docente, especificamente sobre a escolha de conteúdos e temas abordados em aula. Tais dados são apresentados na presente comunicação, tendo como referencial teórico Pierre Bourdieu (2010) e sua teoria do desenvolvimento do capital cultural e influências na educação, e as obras de Penna (2008) e Fonterrada (2008) como revisão bibliográfica específica da área de educação musical.

De acordo com os professores entrevistados³, os planejamentos das aulas de Artes da rede estadual, com os temas abordados, objetivos, conteúdos, competências e atividades desenvolvidas são livremente organizados por eles próprios a partir do que julgam importante, tendo como referência, principalmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o interesse dos alunos, além das discussões com outros professores e a direção. Referindo-se a como os educadores do ensino superior têm suas práticas docentes influenciadas por seus valores, Bourdieu (2010, p. 54) faz um questionamento que pode ser expandido aos professores de outros níveis de ensino: “como não integrariam, mesmo e, sobretudo sem que disso tenham consciência, os valores de seu meio de origem ou de pertencimento às suas maneiras de julgar e de ensinar”?

Dessa forma, foram analisadas as informações referentes à prática docente em Música no contexto da disciplina Artes nas escolas estaduais, acerca dos conteúdos e temas abordados, observando como seus discursos e práticas são permeados por seus valores e pelo que avaliam ser também interessante para seus alunos, ou seja, abordagens que aproximem os conteúdos à realidade do corpo discente das escolas.

A escolha dos conteúdos

Após algumas reflexões sobre a Arte e sua importância para a humanidade, os organizadores da Reorientação Curricular para Educação Artística, proposta SEEDUC, em 2006, fazem a seguinte recomendação aos professores: “partindo dessas reflexões, dirigimo-nos a você, professor que trabalha com arte. Cabe a você aproveitar este momento tão rico de discussão, para refletir e propor o que, no seu entender, é melhor para o educando como formação e construção de conhecimento.” (RIO DE JANEIRO, 2006, p. 151). E finalizam a introdução reafirmando aos professores a liberdade que possuem para a organização de suas

³ A identidade dos professores de Artes e suas respectivas escolas foram preservadas. A referência a cada profissional foi feita com a palavra abreviada prof., indicando tanto professor como professora, seguida das letras A a J, referindo-se a cada um dos professores participantes. O artigo determinará o gênero masculino ou feminino.

aulas: “nesta proposta curricular, sugerimos conteúdos e novas formas de lidar com eles, lembrando que sua criatividade vai adequá-los às condições efetivas de sala de aula.” (Ibid., p. 151).

As afirmações da Reorientação, sutilmente, confirmam um aspecto apontado pelos professores: que as propostas dos documentos não correspondem à realidade das escolas, sendo necessária uma grande adequação para as “condições efetivas de sala de aula.” (Ibid., p. 151), exigindo muita criatividade do professor.

A liberdade na escolha dos temas e conteúdos abordados é positiva, pois possibilita que o professor aborde assuntos culturais e sociais específicos de sua comunidade escolar, mesmo estes não estando presentes nos documentos legais. No entanto, toda essa liberdade pode também provocar dúvidas e indefinições, além de promover uma fragmentação do trabalho de Artes da rede, uma vez que professores de escolas diversas e até da mesma escola realizam planejamentos completamente diferentes, como destaca o prof. H⁴:

Criei um conteúdo programático a partir do PCN, mas não tenho certeza se o meu colega da escola do outro lado da rua segue os mesmos conteúdos. Essa incerteza eu acho um grande equívoco no exercício da minha profissão. (Professor H).

A consequência para o aluno é um ensino descontínuo, pois a cada ano são abordados novos assuntos que dificilmente terão conexão direta com os temas e conteúdos do ano anterior, principalmente porque a cada ano as turmas se modificam, entram alunos novos, alguns ficam retidos na mesma série e outros avançam, provocando uma heterogeneidade difícil de conciliar com um programa que exige conteúdos prévios dos alunos.

O professor, muitas vezes, fica em dúvida sobre como trabalhar e quais assuntos abordar, principalmente quando encontra algum tipo de resistência dos alunos, ou então uma realidade cultural muito diferente da sua. O prof. A, com três anos de docência na rede estadual, afirma:

Ainda me sinto perdido. Escolho os temas por várias razões, mas decidi, no ano que vem, trabalhar somente com diferentes gêneros musicais brasileiros e estrangeiros. Esses alunos têm que saber que existem outros tipos de música que não seja Funk e Pagode Romântico. (Professor A).

A diferença de capital cultural entre alunos e professores influencia o trabalho realizado em sala de aula e, muitas vezes, guia a escolha dos conteúdos da disciplina. O depoimento da prof. E também destaca esse aspecto e, ao apontar a mídia como a principal

⁴ O depoimento dos professores foram originamente mantidos, e aparecerão ao longo do texto em itálico e com alinhamento diferenciado do texto. Não houve correção ortográfica e nem gramatical, somente foram corrigidos pequenos erros de digitação.

fonte de conhecimento musical dos alunos, destaca a importância de a escola apresentar conteúdos diferentes:

Escolho pela relevância e interesse dos alunos, tendo em vista que não é frequente os alunos terem contato com música a não ser pelo que ouvem na mídia. (Professora E).

No entanto, é preciso cuidar para não fazer um julgamento precipitado, criando uma visão restrita da realidade. A mídia não é a única fonte de conhecimento musical dos alunos, pois muitos têm contato com a música em igrejas, eventos de sua comunidade, cursos e por meio do relacionamento com amigos e familiares.

A disciplina dos alunos é outro ponto que influencia a escolha dos temas a serem desenvolvidos. Para a prof. B, a decisão dos temas a serem trabalhados nas turmas acontece:

De acordo com a necessidade da turma, com os pedidos da coordenação e Direção. Algumas turmas são tão indisciplinadas que só fazem um silêncio mínimo se coloco muita coisa no quadro. Nessas turmas trabalho também conteúdo de História da Música. Mas continuo me esforçando pelo conteúdo musical prático, porque percebo que tem os alunos que gostam e se interessam pela música. (Professora B).

A professora completa informando que, pela dificuldade encontrada na realização de atividades musicais, o trabalho volta-se para as Artes Visuais, por sugestão da própria direção, que acredita ser mais fácil e tranquilo para realizar com os alunos, retornando, assim, à prática polivalente do ensino de Artes:

Trabalho alguns temas que a Direção me pede. Por exemplo, a Diretora me pediu para trabalhar um artista chamado João Cândido e pedir caricaturas. Perguntei a ela se ela prefere artes plásticas ou música. Ela disse que não, respondeu que estava querendo me cansar menos. Acho que ela aí admitiu a dificuldade de os alunos terem seriedade no trabalho musical em sala. Muitos debocham quando peço para cantar e a maioria quase esmagadora não canta, com raríssimas exceções. (Professora B)

Dois professores demonstraram novamente a preocupação com as datas comemorativas, realizando em seu planejamento atividades em função desses eventos, ainda uma marca histórica do ensino artístico no Brasil. O prof. C ainda completa,

Como já disse, gosto das datas comemorativas, gosto de relacionar a música com outras formas de fazer arte. Ex: Cinema, Teatro etc.. Apresento compositores, movimentos musicais, reflexões sobre a nossa rotina e a relação com a música do cotidiano e etc. (Prof. C).

A interdisciplinaridade se destaca também no trabalho do prof. G, que procura observar a relação existente entre a música e os diversos componentes curriculares, o

cotidiano dos alunos e a sociedade em sua totalidade, aplicando suas conclusões nos temas, atividades e conteúdos propostos:

Procuro observar a “interdisciplinaridade” dos temas. Normalmente associando os temas com Geografia e História e temas atuais observando o conceito de Currículo em Espiral. (Professor G).

Temas abordados

Em um dos itens do questionário, foi pedido que os professores descrevessem os temas abordados especificamente no 1º semestre de 2009 em cada turma. Com essa questão, foram fornecidas informações valiosas sobre os assuntos abordados, comprovando que cada professor tem sua maneira de conduzir os conteúdos, mas estes, em muitos momentos, convergem. O tópico que permeou o planejamento de metade dos professores foi Iniciação à Escrita Musical, geralmente no 6º ou 7º anos do EF; entretanto, não há demonstrações de que esse assunto tenha continuidade nos anos seguintes, possivelmente pelo problema apontado pela prof. J:

6ª série: Nesta fase eu leciono um pouco de Teoria Musical. Vou desde as notas ascendentes, descendentes, pauta, notas nas linhas e espaços suplementares, claves, figuras de som de pausas, leitura rítmica.... não dá para se estender mais, pois a Teoria sem a Prática se perde; apenas os incentivo a continuar o que começamos em outras entidades como Escola de música na Igreja, Municipal.... pois a teoria é universal. (Professora J).

De acordo com essa professora, é difícil aprofundar os conhecimentos de escrita e teoria musical, pois não há como praticá-los com instrumentos ou com o canto. Sem a possibilidade de utilizar tais conteúdos na prática, seu estudo se torna vazio e sem sentido, motivo pelo qual não é aprofundado nos anos subsequentes do EF.

Tal conteúdo é contemplado no PCN–Arte, no eixo Expressão e Comunicação em Música: improvisação, composição e interpretação, que prevê a “elaboração e leitura de trechos simples de música grafados de modo convencional e/ou não convencional, que registrem: altura, duração, intensidade, timbre, textura e silêncio, procurando desenvolver a leitura musical e valorizar processos pessoais e grupais.” (BRASIL, 1998b, p. 83). Na Reorientação Curricular da SEEDUC, não há orientações diretas sobre a escrita musical; mas, em um dos conteúdos, há a seguinte proposta: “expressão e estruturação da linguagem musical; organização e realização de fragmentos sonoros expressivos.” (RIO DE JANEIRO, 2006, p. 169). A abrangência dessas propostas permite que sejam trabalhados diversos aspectos da leitura e escrita musical, inclusive a utilização da notação não tradicional, decisão a ser tomada pelos professores.

Outro tema abordado também por cinco professores é o da música brasileira, tendo destaque os ritmos brasileiros e a história da Música Popular Brasileira. O PCN–Arte propõe que sejam realizados “arranjos, acompanhamentos, interpretações de músicas das culturas populares brasileiras, utilizando padrões rítmicos, melódicos, formas harmônicas e demais elementos que as caracterizam.” (BRASIL, 1998b, p. 83), assim como “audição de músicas brasileiras de várias vertentes, considerações e análises sobre diálogos e influências que hoje se estabelecem entre elas e as músicas internacionais, realizando reflexões sobre respectivas estéticas.” (Ibid., p. 84). A Reorientação Curricular também destaca a importância da música brasileira, sendo apontados como conteúdos, no eixo Construção da Linguagem, a “valorização e apreciação da música brasileira” e “produções musicais de diferentes estilos e épocas.” (RIO DE JANEIRO, 2006, p. 169). A abrangência desses conteúdos permite que professores trabalhem especificamente sobre a vida de algum músico importante para o cenário musical brasileiro, como Cartola e Djavan, como o fizeram dois profissionais entrevistados, enquanto outros abordam características rítmicas e históricas da música brasileira.

Somente dois professores mencionaram a música erudita, um como tema específico do EM, e o outro somente a música erudita brasileira, assim como a música brasileira no Brasil Colônia e o Barroco Mineiro, contemplando, assim, na medida do possível, conteúdos do eixo Compreensão da Música como produto cultural e histórico do PCN–Arte, como “identificação da transformação dos sistemas musicais (modal, tonal, serial), ao longo da história e em diferentes grupos e etnias, e sua relação com a história da humanidade” e “identificação e caracterização de obras e estilos musicais de distintas culturas, relacionando-os com as épocas em que foram compostas.” (BRASIL, 1998b, p. 85). Dois professores também abordam os Hinos Cívicos em seu planejamento, sem, no entanto, discorrer mais sobre o assunto, não apontando objetivos ou competências a serem alcançados com essa atividade.

Quatro professores realizam trabalhos bem distintos que não tiveram convergência com as informações fornecidas pelos outros professores. O prof. C, por exemplo, promoveu um debate sobre *músicas ‘novas’ e ‘antigas’*, com o intuito de mostrar que boa parte das músicas que tocam hoje nas rádios já foram feitas há algum tempo, em uma tentativa de aproximar dos alunos as músicas diferentes do seu cotidiano. Já na escola da prof. E houve a necessidade de um esclarecimento sobre os diferentes tipos de Artes, uma vez que a experiência anterior dos alunos, somente com artes visuais, dificultou o entendimento de que música é uma forma de Arte também a ser estudada na escola:

Em todas as turmas iniciei falando sobre arte e linguagens artísticas. A grande maioria dos alunos imagina que arte se resume a desenho e pintura, pois foram essas as únicas linguagens artísticas com as quais tiveram contato em sua vida escolar. (Professora E).

Essa é uma dificuldade que grande parte dos professores enfrenta quando começam sua carreira docente na rede estadual. A grande maioria dos docentes em Artes possui habilitação em Artes Visuais, e todo o percurso histórico do ensino de Artes corrobora a visão de que o trabalho artístico na escola se resume ao desenvolvimento dos elementos visuais. Nesse sentido, Penna afirma que:

E o fato é que a música não consegue se inserir de modo significativo neste espaço, e a prática escolar da Educação Artística, que se diferencia de escola para escola, acaba sendo dominada pelas artes plásticas, principalmente. É essa a área em que maior parte dos cursos – e conseqüentemente dos professores habilitados – se concentra, de modo que, em muitos contextos, arte na escola passa, pouco a pouco, a ser sinônimo de artes plásticas ou visuais. E isso persiste até os dias de hoje. (PENNA, 2008, p. 125).

A visão do ensino de Artes centrada nas artes visuais, tanto por parte dos alunos como da direção das escolas, é um dos motivos que leva professores habilitados em Música a abordar também conteúdos de artes visuais, como aconteceu com o prof. A que, no sétimo ano, trabalhou com o Projeto Portinari, proposto pela escola, e da prof. B, que também trabalhou o artista João Cândido, desenvolvendo atividades com caricaturas, por sugestão da diretora, com o argumento de que queria cansá-la menos.

O prof. G trabalhou um conteúdo também abordado pela prof. J sobre o folclore:

Como foi o primeiro ano nas turmas que eu peguei, discuti conceitos e elementos básicos da música, algumas manifestações folclóricas de influência lusa, africana e indígena, assim como dos sons de cada povo essencialmente. (Professora J).

Já a prof. I, provavelmente por motivos específicos da realidade de sua comunidade escolar, abordou temas não ligados à música:

Mudança de cena – na primeira escola.

Cidadania – os alunos estavam muito irreverentes da segunda escola. (Professora I).

Os temas e conteúdos abordados são bem diversos, e percebe-se que há uma preocupação em valorizar a Música Popular Brasileira, buscando uma aproximação da música ao contexto dos alunos, ao mesmo tempo em que são apresentados novos gêneros e estilos, e também aspectos técnicos da música, com a leitura e a apreciação. Alguns itens são comuns a diferentes professores; entretanto, cada um organiza seu planejamento de acordo com a necessidade e limitações de sua escola, e com os diferentes capitais culturais de seus alunos,

sendo comum o entendimento de que nem sempre é possível fazer tudo o que se deseja e aprende na graduação:

Qdo saí da Faculdade saí com uma fome de ensinar tudo que aprendi, mas tive que freiar meu ímpeto diante dos interesses e limitações dos alunos. Um conteúdo que tive que cortar de cara foi a História da Música. Fiquei perdida, mas fui me achando sondando os interesses dos alunos, conversando e trocando idéias com colegas e lendo muito. (Professora J).

A realidade de sala de aula é bem diferente do previsto nas universidades e cursos de formação. Grande parte dos docentes enfrenta essa situação e aprende muito com a prática; entretanto, no início da carreira, a dúvida e o sentimento de incapacidade são imensos. Ainda falta muito diálogo entre os professores da educação básica e os profissionais do ensino superior e dos cursos de formação de professores.

Considerações Finais

O contato com os dez professores participantes da pesquisa proporcionou o conhecimento de valiosas informações sobre o ensino de música na rede estadual, com exemplos de atividades realizadas nas aulas, conteúdos abordados e a relação cotidiana de alunos, professores e as aulas de música. Apesar de ser um universo de pesquisa ainda reduzido perante a abrangência da rede estadual, o contato nos permitiu avaliar a existência de diversos pontos em comum entre os professores, e coerência nos dados por eles disponibilizados.

Analisando os temas abordados e atividades realizadas pelos professores, percebe-se que há muitos pontos em comum. Cada escola estadual é uma ilha e, muitas vezes, cada professor se torna ainda mais isolado dentro dessa ilha. Reuniões e discussões entre os profissionais da rede promoveriam uma troca de experiências rica e poderiam integrar o trabalho dos professores, culminando em um documento que fosse realmente uma referência, por meio do qual eles se reconheceriam responsáveis pelo que acontece nas escolas, ao invés de simplesmente esperarem pelas orientações da SEEDUC para constatar que não são condizentes com a realidade, continuando tudo da mesma forma.

Apesar de grande parte dos professores afirmarem não sofrerem interferência externa para a realização de seu trabalho, alguns demonstraram que as direções e coordenações pedagógicas influenciam nas decisões dos temas a serem abordados. O percurso histórico das Artes na escola faz com que ainda se mantenha a visão do professor de Artes como responsável pela organização dos eventos comemorativos, pelos murais da escola e pelo ensaio das músicas. No relato dos professores de Música, percebemos que ainda são

abordados conteúdos de Artes Visuais, independente da música, por constar em algum projeto da escola ou por serem atividades mais condizentes com a realidade material das escolas e o comportamento das turmas, que em alguns momentos influencia na decisão do professor sobre quais atividades realizar.

Além desses aspectos estruturais da rede estadual de ensino, o professor precisa lidar com as questões referentes à relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-comunidade e aluno-música, que se manifestam no cotidiano da sala de aula, independente da infraestrutura e do material físico, como as diferenças de capital cultural e das expectativas que os alunos têm com o trabalho realizado.

O relato dos professores mostrou que as diferenças de capital cultural presentes na escola, apontadas por Bourdieu como presentes na sociedade, interferem na escolha do conteúdo, das atividades a serem realizadas e no próprio relacionamento dos alunos com a aula de Música. É preciso que os professores tenham consciência que todos os alunos possuem uma bagagem cultural que influencia o modo como os conteúdos serão apreendidos, e que o capital cultural dos seus alunos é apenas diferente do seu, nem melhor e nem pior. O relato dos professores demonstrou que eles se preocupam com essas diferenças, dentro das possibilidades oferecidas pela escola e das suas próprias limitações, consideram esses aspectos em suas escolhas, mas com a perspectiva de ampliar o campo de conhecimento do aluno, abordando também músicas distantes do cotidiano dos alunos.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Educação. *Reorientação Curricular: Linguagens e Códigos*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://www.conexao professor.rj.gov.br/downloads/LIVROI_linguagens_inicio.pdf>. Acesso em 17 mai. de 2010.